



CURRÍCULO E PEDAGOGIA DECOLONIAL: Maneiras De Pensar Uma Educação Outra

Joatan Silva de Oliveira ¹
¹Paloma Monique Bezerra da Silva ²
Victor Hugo de Oliveira Henrique³
Francisco das Chagas da Silva⁴
Manuel Bandeira dos Santos Neto ⁵

RESUMO:

Este estudo tem por objetivo apresentar o campo curricular e a pedagogia decolonial como meios para obtenção de uma educação que preze, não mais a educação colonizadora, mas as interseccionalidades de uma pedagogia, a qual abarque a emancipação dos sujeitos e a constituição de um projeto epistêmico que evoque conhecimentos antigos marginalizados para um meio social crítico. No campo curricular é impreterível a insurgências de novos olhares para modificações, pois é por intermédio desse campo que se constitui a cultura, a política, a arte e a formação do indivíduo por meio de suas bases, sendo essas consideradas por muitos como um modelo de resultados e seleção. Sendo assim, o currículo em concomitância com a pedagogia decolonial, possui como eixo a descentralização de conhecimentos que são ocultados ou descartados por metanarrativas eurocêntricas, ou seja, pensar uma educação outra é também desobedecer aos meios vigentes padronizados por uma pedagogia tradicional a qual é regida por uma verticalidade engessada.

Palavras chaves: Currículo. Pedagogia Decolonial. Eurocentrismo.

1. INTRODUÇÃO

Os debates e discussões que temos hoje em nosso campo social, se refere a pauta da formação e a integralização dos indivíduos na hodiernidade, isso se torna possível para o andamento político, social, filosófico e educacional.

¹ Graduando do Curso de Pedagogia, do Núcleo de Formação Docente do Centro Acadêmico do Agreste (CAA) da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; joatan.oliveira@ufpe.br

² Graduanda do Curso de Pedagogia, do Núcleo de Formação Docente do Centro Acadêmico do Agreste (CAA) da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; paloma.monique@ufpe.br

³ Professor Doutor da Faculdade de Educação e Ciências Integradas do Sertão de Canindé (FECISC/UECE), victorhugo.henrique@uece.br

⁴ Professor da Faculdade Dom Adélio Tomasin – FADAT, Mestre em Educação e Ensino – Maie - UECE, franciscosilva@fadat.edu.br

⁵ Professor Adjunto na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC)/Universidade Estadual do Ceará (UECE), manuel.bandeira@uece.br

É somente por meio da base educacional que há uma modificação em relação as problemáticas vigentes no mundo, uma das discussões mais ferrenha no nosso campo e meio educacional hoje é a demonstração que se tem sob a visão da colonização e as edificações que esta criou e tem criado em território, conceitos políticos, epistêmicos, mas sobretudo a colonização psicológica nos indivíduos que ainda hoje, não possuem a capacidade critica e plena de conhecimentos.

Nesse sentido, discutir sobre a colonização no mundo é falar sobre as matrizes curriculares e como estas vem sendo colonizadas por intermédio de narrativas europeizadas que transcendem a cultura dita marginalizada para por nos estudantes uma maneira massiva de subserviência e padronizada em relação a um passado dito e criado por muitos brancos.

Posto isso, este artigo tem como intencionalidade refletir e discutir sobre as possibilidades de um currículo decolonial em concomitância a uma educação outra que o professorado poderá possibilitar de maneira critica-reflexiva-decolonial, uma educação anticapitalista, antirracista, uma educação que preze a força e a cultura criada por seu povo.

Nesse sentido, Quijano (2005) enfatiza as relações de poder postas no mundo-moderno-capitalista-racista-colonial a subserviência voltada para povos que criaram uma narrativa para serem protagonistas de territórios, exonerando assim, a cultura e existencia de outros povos e desenvolvendo a identidade racial no mundo.

Assim a ideia de raça para Quijano (2005):

A posterior constituição da Europa como nova id-entidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da ideia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/ inferioridade entre dominantes e dominados. **Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial.** (QUIJANO, 2005, p. 118, grifo nosso)

Análogo a esse pensamento, Quijano (2005) traz para dentro do campo social,

mas também para o meio educacional as ideias de demarcação de territórios não somente o territórios físicos, mas os campos de disputas teóricos atualmente, modificando os meios epistemológicos e edificando as singularidade de conhecimento dentro do campo da educação uma nova forma de enxergar o mundo para além do colonialismo.

O escrito proposto, possui como objetivo Geral refletir como a abordagem decolonial interfere nos currículos escolares atualmente. Dito isso, os objetivos específicos objetiva: Refletir sobre a possibilidade de que os currículos venham a ter uma visão decolonial. Explicar as abordagens decoloniais e suas ramificações para o seio escolar. Discutir uma educação outra que possibilite a expulsão de uma corrente colonialista. Dessa maneira, a questão problema é: Como A Pedagogia Decolonial Interfere De Maneira Critica Para Pensar Uma Educação Outra No Meio Social.

2. METODOLOGIA

A edificação deste presente artigo, parte de uma revisão literária, na qual teve como metodologia a análise documental, sendo alicerçada através de, dados estatísticos, livros, sites da internet, entre outras procedências. Diante da coleta de dados com a análise do conteúdo, foi utilizada a pesquisa qualitativa como recurso metodológico, sendo o ponto mais importante pesquisar e analisar os conhecimentos sobre a temática por meio de trabalhos de terceiros, com intuito de desenvolver reflexões crítica e informações significativas sobre o assunto abordado.

Posto isso, a análise documental, segundo Gil (2008), é um método de pesquisa que se assemelha à pesquisa bibliográfica, mas se diferencia pela natureza das fontes utilizadas. Ela implica na coleta e análise de documentos já existentes para a elaboração de uma investigação, permitindo a representação condensada da informação para consulta e armazenagem.

Em consonância a análise documental, a pesquisa qualitativa, segundo Gil (2008), é um tipo de pesquisa que busca entender fenômenos sociais por meio da coleta e análise de dados não numéricos, focando em descrever e interpretar atitudes, emoções e experiências dos sujeitos envolvidos. Esse método é frequentemente utilizado para investigar questões complexas onde a profundidade da informação é mais relevante do que a quantificação.

Abordamos Quijano (2005) onde o mesmo enfatiza em seus estudos sobre “colonialidade do poder eurocentrismo e américa latina” a categoria e as metanarrativas

criadas pelos europeus para a construção e visões roubadas de homens brancos para solidificar não de maneira física, mas epistêmica em indivíduos que na América estavam na invasão do Brasil.

Trazemos também o pensamento de Mignolo (1998) onde o mesmo traz em seus estudos “o pensamento fronteiriço” como meio para romper as ideias lineares e singulares, propondo ideias plurais que rompem com as ideias estabelecidas como únicas.

E Walsh (2002) onde a mesma enfatiza a necessidade de um olhar plural e crítico em relação às especificidades e ramificações na interculturalidade e o multiculturalismo na cultura de massa vigentes, posto isso em paralelo a educação torna-se de sua importância para a emancipação política e humana da sociedade atual.

3. UMA EDUCAÇÃO OUTRA

É importante falar da história educacional no contexto brasileiro, pois essa vem sendo evidenciada como uma das mais singulares no mundo a abranger o espaço epistemológico nos estudos e fatos coloniais.

Sendo assim, um fato impreterível a ser falado é nos Jesuítas e seus ensinamentos na territorialidade brasileira, como afirma Saviani (2006), o “brevíssimo século XVI” compreende ao processo pedagógico conhecido como “pedagogia brasílica”, que teve início com a chegada dos primeiros jesuítas ao Brasil, em 1549, e se estendeu até a instituição do *Ratio studiorum*, em 1599.

Nesse sentido, vê-se no Brasil um processo de aculturação, um apagamento que traz desde o século XVI com a educação jesuítica o sentido de uma educação que desconsidera a bagagem e a cultura do estudante.

Sendo assim, Saviani (2011) fala que:

O processo de colonização abarca, de forma articulada mas não homogênea ou harmônica, antes dialeticamente, esses três movimentos representados pela colonização propriamente dita, ou seja, a posse e exploração da terra subjugando os seus habitantes (os índios); a educação enquanto aculturação, isto é, a inculcação nos colonizadores das práticas, técnicas, símbolos e valores próprios dos colonizadores; e a catequese entendida como a difusão e conversão dos colonizados à religião dos colonizadores. (SAVIANI, 2011, p. 29).

Falar de uma educação outra é fugir das amarras coloniais e desenvolver o pensamento crítico reflexivo sobre o meio social e as mazelas postas nos currículos escolares desde o período colonial.

Ou seja, mediante o pensamento de Quijano (2005), falar sobre a educação é respaldar

esse eixo tão importante no nosso contexto social, através da abordagem decolonial pensando em uma educação que gratifique o sujeito enquanto único em seu mundo, mas para isso, o mesmo afirma que o colonialismo exerceu um domínio psicológico, onde:

Aqui a tragédia é que todos fomos conduzidos, sabendo ou não, querendo ou não, a ver e aceitar aquela imagem como nossa e como pertencente unicamente a nós. Dessa maneira seguimos sendo o que não somos. E como resultado não podemos nunca identificar nossos verdadeiros problemas, muito menos resolvê-los, a não ser de uma maneira parcial e distorcida. (QUIJANO, 2005, p.130).

Assim, em relação a esse pensamento, Mignolo (2008) promove uma descolonização do pensamento colonizador, através de sua desobediência epistêmica, onde o mesmo enfatiza que,

A opção decolonial é epistêmica, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento. Por desvinculamento epistêmico não quero dizer abandono ou ignorância do que já foi institucionalizado por todo o planeta (por exemplo, veja o que acontece agora nas universidades chinesas e na institucionalização do conhecimento). Pretendo substituir a geo-e a política de Estado de conhecimento de seu fundamento na história imperial do Ocidente dos últimos cinco séculos, pela geo-política e a política de Estado de pessoas, línguas, religiões, conceitos políticos e econômicos, subjetividades, etc., que foram racializadas (ou seja, sua óbvia humanidade foi negada). (MIGNOLO, 2008, p. 290).

Essa abordagem que Mignolo (2008) aponta é para desvencular os eixos fundantes de uma pedagogia colonialista e desenvolver novos horizontes para uma pedagogia decolonial, ou seja, uma pedagogia que rompa com subserviências e manipulações epistêmicas eurocentradas.

Nesse caso, pensar em uma educação outra é trazer para as discussões as maneiras e sentidos de cada sujeito, suas histórias, memórias e narrativas, onde se sintam pertencidos a si mesmo, desenvolvendo seu processo de identidade.

A educação outra é desenvolver as maneiras e práticas bem como os estudos para a pedagogia decolonial, Walsh (2013) fala que uma nova pedagogia “[...] é atacar as condições ontológicas-existenciais e de classificação racial e de gênero; incidir e intervir em, interromper, transgredir, desencaixar e transformá-las de maneira que superem ou desfaçam as categorias identitárias [...]” (WALSH, 2013, p. 55).

Portanto, não se trata apenas de desenvolver teorias que desclassifiquem o colonialismo, ele realmente tem que existir e ser falado, mas não utilizado como eixo ou objeto de ensino para profissionais da docência.

A abordagem decolonial corrobora para a manutenção de eixos sociais, para discussões, como o racismo, gênero, identidade dentre outros temas relevantes, dessa maneira a metodologia e a prática de profissionais da área, devem se desenvolver através de estudos que não classifiquem visões únicas, evidenciando uma educação outra.

4. RESULTADOS

Foi possível identificar variadas maneiras e entendimentos sobre o olhar da decolonialidade e as relações que são postas atualmente na sociedade na vista de uma ideologia dominante que é o colonialismo. Onde este por sua vez, destrava trancas e possibilidade para um meio social integrado, no preconceito, na padronização, na subserviência e nas classificações de raças, onde estas se sobressaem na estratificação social.

A colonialidade ultrapassa, hodiernamente qualquer tipo de ideologia que venha a ser crítica, rompe os espaços de liberdade e exonera as memórias e narrativas de povos que foram coisificados e escravizados. Atualmente em meio a democracia e a lutas por lugares de direito dos negros e da periferia se constrói a verdadeira narrativa do povo que foi massacrado e colocado em situações de servidão. Análogo a educação, se pensar em uma decolonialidade no currículo escolar é pensar em uma cultura que não massacre ou exonere as histórias dos pretos e marginalize as culturas, mas solidifique o pensamento humanístico e crítico sob as influencias da historialização.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Posto as evidencias e as discussões do tema “Currículo E Pedagogia Decolonial: Maneiras De Pensar Uma Educação Outra”, temos que a lente decolonial não somente ajuda, mas traz as narrativas e memórias sociais esquecidas para o meio crítico pensante. A partir das discussões apresentadas, é possível afirmar que são importantes as abordagens críticas, emancipatórias, e que visem um espaço formativo para e ampliação do conhecimento formativo e as abordagens sociais. Por fim, a edificação de uma sociedade autônoma passa por uma educação crítica, capaz de explicitar suas contradições e propor articulações mais horizontais e dialógicas entre os seres humanos, o que começa na escola com currículos mais abrangentes e com enfoques decoloniais.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

WALSH, C. **Interculturalidade crítica e educação intercultural**. 2009. (Conferência apresentada no Seminário “Interculturalidad y Educación Intercultural”, Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, La Paz). Disponível em: . Acesso em: 10 out. 2014.

QUIJANO, Aníbal. **“Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”**. LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2005.

MIGNOLO, Walter D. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. Cadernos de Letras da UFF: Dossiê: literatura, Línguas e Identidades. Rio de Janeiro: Cadernos de Letras da UFF, 2008.

SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil* 3. ed. Campinas SP,: Autores Associados, 2011